

GLÓRIA E A PERSISTÊNCIA: AIMORÉ ESPORTE CLUBE E A DURAÇÃO DAS MEMÓRIAS DO LAZER EM CAÇAPAVA DO SUL¹

Recebido em: 29/08/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

Walter Reyes Boehl²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre – RS – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9655-4080>

RESUMO: Este artigo etnográfico investiga o Aimoré Esporte Clube, de Caçapava do Sul (RS), como operador de memória e produtor de lazer vivido, articulando passado e presente no tempo-espaço do futebol. A partir da etnografia da duração, analisa-se como o clube, mesmo diante de transformações sociais e culturais, mantém-se como espaço de sociabilidade, rito e pertencimento, preservando e atualizando identidades e afetos na comunidade. O estudo explora como práticas, narrativas e rituais em torno do Aimoré reencenam o passado no presente, conectando gerações e sustentando uma temporalidade própria do lazer futebolístico local. Ao destacar as dimensões simbólicas, territoriais e afetivas do futebol de várzea, o trabalho contribui para os Estudos do Lazer ao revelar como o esporte, para além da competição formal, persiste como campo de disputas, memórias e vínculos comunitários.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Lazer. Etnografia da duração.

GLORY AND PERSISTENCE: AIMORÉ ESPORTE CLUBE AND THE ENDURANCE OF LEISURE MEMORIES IN CAÇAPAVA DO SUL

ABSTRACT: This ethnographic article examines the Aimoré Esporte Clube, from Caçapava do Sul (RS), as an operator of memory and a producer of lived leisure, articulating past and present within the time-space of community football. Drawing on the ethnography of duration, it analyzes how the club, even amid social and cultural transformations, remains a space of sociability, ritual, and belonging, preserving and renewing identities and affections within the community. The study explores how practices, narratives, and rituals surrounding Aimoré re-enact the past in the present, connecting generations and sustaining a distinctive temporality of local football leisure. By highlighting the symbolic, territorial, and affective dimensions of grassroots

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestre e doutorando em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH-UFRGS); Graduado em Educação Física (licenciatura e bacharelado, ESEFID-UFRGS); Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (PUCRS). Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS).

football, the work contributes to Leisure Studies by revealing how the sport-beyond formal competition-persists as a field of contestation, memory, and community bonds.

KEYWORDS: Football. Leisure. Ethnography of duration.

Introdução

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar (Galeano, 2008).

Em Caçapava do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, o futebol atravessa ruas de terra batida, conversas de bar, intervalos escolares e domingos ensolarados. Mais que jogo, pulsa como memória em movimento, integrando modos de estar, sentir e lembrar a cidade. No centro dessas tramas está o Aimoré Esporte Clube - não apenas um time, mas um arquivo vivo, onde se entrelaçam lembranças de infância, disputas de identidade, gestos de pertencimento e saudades que se renovam a cada encontro.

Seguir os rastros do Aimoré é adentrar uma tessitura temporal em que o futebol se manifesta como lazer vivido, profundamente imbricado nas experiências cotidianas. Mais que prática esportiva, assume a forma de gesto ritual, memória partilhada e expectativa renovada, abrindo campo para pensar o lazer, como aponta Dumazedier (2004), como espaço simbólico no qual a memória encontra abrigo e se projeta em narrativas coletivas. Em Caçapava do Sul, essa vivência não se limita à lógica da pausa entre obrigações. Ela persiste como elo com a cidade, com amigos e afetos que atravessam gerações, configurando-se como chave para compreender dinâmicas sociais e culturais.

O Aimoré, outrora palco de sociabilidades intensas e disputas locais acaloradas, hoje se mantém como presença evocada nas lembranças de ex-atletas, dirigentes e torcedores. Troféus empoeirados, relatos fragmentados e gestos cotidianos compõem

uma paisagem temporal que não se organiza em linha reta, mas em uma malha de durações entrelaçadas, no qual o passado continua a pulsar.

A análise dialoga com Fraga (2013), que discute a articulação entre futebol, identidades coletivas e representações nacionais, e com Cornelsen (2020), que examina a escrita de vidas de jogadores como espaço de construção de memórias sociais. Também se insere no conjunto de investigações reunidas por Abrantes, Silva e Alves (2019), que reconhecem o futebol como fenômeno central nos Estudos do Lazer, em sua dimensão comunitária e institucional.

Trata-se, assim, de compreender o Aimoré como instituição esportiva e, simultaneamente, como campo de produção simbólica que articula lazer, rito e memória. A partir da convivência com sujeitos historicamente ligados à agremiação e da escuta atenta de suas práticas e narrativas, busca-se compreender os sentidos que se acumulam, resistem e se transformam em torno do clube. O futebol emerge nesse processo como fio condutor entre gerações, convocando lembranças, afetos e formas de pertencimento.

Adotando a etnografia da duração³ como abordagem metodológica - que privilegia a observação dos modos como o tempo é vivido, lembrado e atualizado - o estudo amplia a compreensão sobre a persistência do lazer futebolístico mesmo em contextos de retração da prática competitiva formal. Pergunta-se, assim: de que maneira o Aimoré Esporte Clube atua como operador de memória e produtor de lazer simbólico diante das transformações sociais e culturais de Caçapava do Sul?

³ A Etnografia da Duração é uma abordagem metodológica desenvolvida por e Rocha e Eckert (2013) no campo da antropologia urbana, inspirada em conceitos de Gaston Bachelard. Ela se concentra na investigação das dinâmicas da memória coletiva e do imaginário na vida cidadina. O foco está em como as experiências temporais dos habitantes, suas trajetórias, ritmos e percursos urbanos, se manifestam e se materializam através de narrativas e imagens (fotográficas, filmadas, escritas) que perduram, evocam o passado e reconfiguram as paisagens. Assim, a duração é entendida como a persistência do tempo social nos territórios urbanos, apreendida por meio de técnicas como a "etnografia de rua".

Para conduzir esta investigação, o artigo organiza-se do seguinte modo. Após contextualizar o cenário sócio-histórico de Caçapava do Sul e a trajetória do futebol local, detalhou-se os fundamentos da etnografia da duração que orientou a pesquisa. A análise desdobra-se, então, em quatro dimensões entrelaçadas. As fundações do Aimoré em meio a memórias e conflitos; sua presença para além da ausência nos campos; sua materialização como superfície de inscrição de narrativas; e, por fim, os fios que tecem a partir de projetos e disputas contemporâneas.

Caçapava do Sul e o Futebol Local: Contexto e Trajetória

A pesquisa se inscreve em Caçapava do Sul, município situado na metade sul do Rio Grande do Sul, a cerca de 260 km da capital Porto Alegre. Com seus 3.047 km² e uma população estimada em 32.515 habitantes (IBGE, 2022), a cidade constitui uma paisagem social e geográfica de ritmos próprios, onde as práticas cotidianas ainda são profundamente atravessadas pelas formas tradicionais de vida de campo, mesmo diante das pressões contemporâneas de modernização.

Caçapava do Sul é reconhecida nacionalmente pela sua geodiversidade, composta por formações rochosas que atraem geólogos e pesquisadores (Madeira, 2022), mas essa dimensão mineral convive com outras camadas simbólicas mais discretas: os campos de futebol desbotados, as arquibancadas silenciosas e os clubes em processo de lenta transformação social. O clima temperado e úmido, a altitude média de 450 metros (Bonho, 2020) e a predominância da economia primária - agricultura, pecuária e mineração, com destaque para a produção de calcário - compõem o ritmo cotidiano que preserva práticas de sociabilidade relativamente ritmadas, menos aceleradas que os centros urbanos mais densos do Estado.

A auto definição de Caçapava como “Portal do Pampa” (Madeira, 2022) não é mero *slogan* turístico. Ela expressa a percepção local de ser uma encruzilhada temporal e espacial, um lugar em que o passado, o presente e as projeções de futuro se enredam em práticas sociais, rituais urbanos e narrativas identitárias. É nessa configuração de tempos sobrepostos que se constitui o Aimoré Esporte Clube, objeto central desta investigação.

A trajetória histórica do futebol em Caçapava do Sul - uma cidade cujo território foi forjado em meio a conflitos, guerras e processos de territorialização violenta, especialmente na Revolução Farroupilha - é marcada pela sedimentação de práticas esportivas que não apenas traduzem a vida social, mas tecem o viver diário em suas camadas mais profundas.

O surgimento do Caçapava Futebol Clube, em 12 de outubro de 1919, ocorre no início do século XX, quando uma prática esportiva emerge de um território ainda imerso em memórias de guerra. Mais do que um mero passatempo, o futebol desde então atuou como ritual de pacificação simbólica, como técnica de sociabilidade e de produção de identidades locais em tempos de pós-conflito. Quando o clube conquista seu primeiro campeonato em 1945, a vitória não é apenas esportiva: ela reafirma a capacidade da cidade de narrar a si mesma para além de suas marcas bélicas (Teixeira, 2016).

O surgimento de novos clubes na década de 1940 reflete uma expansão do futebol como vetor de integração e diferenciação social. Em 8 de setembro de 1924, a fundação do Militar Sporte Clube de Caçapava revela uma apropriação institucionalizada do futebol por segmentos ligados às forças armadas, mantendo viva a ambivalência entre esporte, disciplina e ritualização da força. É a partir dessa linhagem

que, em 29 de setembro de 1941, nasce o Aimoré Esporte Clube. Não como ruptura, mas como continuidade de práticas que conectam a arena esportiva aos dispositivos de poder e pertencimento local.

A movimentação do Aimoré a partir de 1951, com seus primeiros jogos sediados onde hoje está a Praça Oswaldo Aranha, e posteriormente sua conquista do primeiro título no campo que seria denominado Estádio Aristides Macedo, testemunha não apenas um crescimento esportivo, mas a construção de uma espacialidade afetiva que ancorou gerações de caçapavanos (Teixeira, 2016).

Seguindo o fio dessa história, chegou-se a um ponto em que a memória tece uma percepção particular sobre o clube. O ápice esportivo sob a liderança de Mamede Ismail (1968-1992) é um ponto no qual os fios da prática esportiva, do afeto comunitário e da economia local se entrelaçam de modo tão forte que a própria categoria "amador" se tensiona. Esse entrelaçamento ecoa nas vozes dos interlocutores:

O Aimoré era amador, mas, na verdade, era profissional. Muitos recebiam para jogar. Vinha gente de tudo que é parte da região. Vinha jogador até de Bagé. Vinha jogador profissional do Guarany de Bagé, jogar nele. Nos anos 70 ganhou o amador e o estádio enchia (Diário de campo, 16/8/2024).

O depoimento tensiona a fronteira entre amadorismo e profissionalização e ajuda a entender por que as conquistas dos anos 1970 são lembradas menos como números e mais como experiência coletiva de cidade.

A inovação institucional do Aimoré, ao criar em 1965 a Ala Feminina, rompe parcialmente com as convenções de gênero vigentes na época e sinaliza que o clube, além de repositório de tradições, era também espaço de negociações sociais sutis. Em tempos recentes, a continuidade da participação feminina no futsal reafirma essa rearticulação permanente dos papéis de gênero no campo esportivo, demonstrando que as práticas esportivas em Caçapava do Sul operam como campos dinâmicos de luta e

ressignificação.

A internacionalização do Aimoré em 1966, com a vitória amistosa sobre o Wanderers de Melo do Uruguai por 5x0, pode ser lida como rito de consagração externa: um momento de projeção simbólica que marca o desejo de Caçapava de se instituir em circuitos transnacionais de prestígio esportivo, ainda que de modo modesto.

A fundação do Minerador Atlético Clube em 1970, financiado pela Companhia Brasileira do Cobre e liderado por Francisco Matarazzo “Baby” Pignatari, revela o entrelaçamento crescente entre capital empresarial e práticas esportivas locais (Cabreira, 2008; Nogueira, 2012). O fato de a participação na equipe ser restrita a funcionários e familiares ilustra a transformação do futebol em dispositivo de gestão da mão de obra e reprodução de laços corporativos, que ao mesmo tempo fortalece o associativismo e restringe a espontaneidade popular. A dissolução do Minerador em 1996, com o êxodo dos trabalhadores, marca mais do que o fim de um time: é o fechamento de uma era em que o futebol operava como matriz de sociabilidade laboral.

Em tempos contemporâneos, o Aimoré se reinventa com a fundação da Escolinha do Aimoré em 2021, acolhendo jovens entre 7 e 17 anos. A iniciativa, além de formação esportiva, constitui um esforço consciente de manutenção da memória e reprodução de valores locais, ressignificando o clube como um operador de futuro sem abandonar o *ethos* de sua fundação.

Metodologia e Etnografia da Duração

Este artigo se orienta pela perspectiva da etnografia da duração (Rocha; Eckert, 2011; 2013), que desloca o foco da observação pontual para uma escuta ampliada do tempo vivido, das reminiscências e das permanências afetivas tecidas nos territórios e

nas relações. No caso do Aimoré Esporte Clube, em Caçapava do Sul, essa escuta se deu por meio da atenção aos ritmos e silêncios da memória futebolística local, entendida não como dado fixo, mas como performance contínua, atravessada por esquecimentos, retornos e reconfigurações simbólicas.

José Magnani (2009) ressalta que a etnografia, quando concebida como prática e experiência, requer imersão prolongada e atenção às formas de sociabilidade que estruturam a vida urbana. Essa perspectiva encontra ressonância na etnografia da duração aplicada neste estudo, permitindo captar como memórias e rituais se sedimentam no tempo, estruturando o lazer futebolístico local.

Para compreender as múltiplas temporalidades que atravessam o Aimoré Esporte Clube, optou-se pela etnografia da duração (Rocha; Eckert, 2013), teoria-metodologia que se diferencia das abordagens etnográficas mais convencionais por buscar captar a experiência subjetiva do tempo e a coexistência de ritmos sociais distintos no espaço urbano.

Inspirada nas reflexões de Henri Bergson e Gaston Bachelard sobre o tempo - como fluxo contínuo (Bergson) ou como alternância descontínua (Bachelard) -, essa abordagem permite pensar a cidade e suas instituições não como unidades fechadas e lineares, mas como palimpsestos temporais, onde as práticas, as memórias e os afetos se acumulam, se entrelaçam e se renegociam constantemente.

A etnografia da duração nos orienta a observar, para além da cronologia oficial dos eventos, as marcas simbólicas inscritas nos corpos, nos objetos, nos rituais e nos silêncios que permeiam o clube. A memória coletiva, segundo Gilbert Durand (2002), opera como uma usina permanente de reinterpretação e atualização das narrativas, e é nesse processo vivo que o Aimoré se torna mais do que um clube. Ele é um operador

temporal que articula identidades, pertencimentos e expectativas.

No campo da Educação Física, a etnografia da duração tem se mostrado especialmente produtiva para apreender o ritmo das práticas esportivas como expressão de modos de ser e de estar no mundo, revelando a persistência de gestos, valores e rituais que ressignificam o presente (Rocha; Eckert, 2011). No contexto do Aimoré, os campeonatos, as confraternizações, as práticas da escolinha de base e até os relatos de antigos torcedores constituem campo de emergência da duração.

A pesquisa foi realizada entre 2021 e 2025 e não seguiu um roteiro linear ou cumulativo. Seu início está intrinsecamente ligado ao contexto global da pandemia de Covid-19. No final de 2020, no auge da crise sanitária, mudei-me de Porto Alegre para Caçapava do Sul, uma decisão tomada para reduzir os riscos associados à vida na grande capital. Esse deslocamento forçado, longe de ser um mero pano de fundo, tornou-se a condição de possibilidade para uma imersão prolongada e sensível. Foi a partir desse estar-na-cidade, em um momento de suspensão geral dos ritmos sociais usuais, que pude iniciar a escuta das memórias que pulsavam em torno do Aimoré, configurando uma entrada no campo marcada pela disponibilidade para o encontro e pela atenção à duração.

Foram realizados registros em diário de campo, entrevistas abertas com interlocutores-chave (jogadores veteranos, ex-presidentes, moradores do entorno, responsáveis pela Escolinha e integrantes da antiga Ala Feminina), bem como a coleta de fragmentos discursivos durante rodas de conversa e encontros casuais em praças e bares. Também se utilizou de fontes materiais e visuais, como fotografias, troféus, faixas comemorativas e postagens em redes sociais locais, que atuaram como tecnologias da memória e dispositivos de evocação.

Importa destacar que esta pesquisa não se orientou pela busca de representatividade estatística, mas pela densidade das narrativas, gestos e afetos que fazem durar o Aimoré enquanto presença simbólica. A relação entre pesquisador e campo não se constituiu pela exterioridade ou pela neutralidade, mas pela implicação - como alguém que caminha junto, que escuta com o corpo e no tempo, em sintonia com a proposta da etnografia da duração. O objetivo, portanto, não é sintetizar uma história total do clube, no entanto, acompanhar os modos pelos quais o Aimoré se atualiza nas práticas cotidianas e nas paisagens sensíveis da cidade. Nesse mesmo movimento, a estrutura textual não segue uma lógica rígida e linear, mas organiza-se de modo espiralado - sem padrão de organização da lógica acadêmica eurocentrada - em consonância com pensamentos, reminiscências e fluxos que atravessam o campo.

A escolha pela etnografia da duração responde, assim, ao próprio modo como o Aimoré existe hoje: não mais como instituição em atividade plena, mas como trama afetiva que resiste ao apagamento e se atualiza nas memórias que permanecem circulando, mesmo quando os jogos cessam. Trata-se, portanto, de uma etnografia do entre, dos intervalos, dos gestos menores, das memórias evocadas, que reconhece a vitalidade do clube para além das estatísticas e das cronologias oficiais.

A Etnografia da Duração como Instrumento de Escuta Temporal

Para compreender as múltiplas temporalidades que atravessam o Aimoré Esporte Clube, optou-se pela etnografia da duração (Rocha; Eckert, 2013), teoria-metodologia que se diferencia das abordagens etnográficas mais convencionais por buscar captar a experiência subjetiva do tempo e a coexistência de ritmos sociais distintos no espaço urbano.

Inspirada nas reflexões de Henri Bergson e Gaston Bachelard sobre o tempo como fluxo contínuo (Bergson) ou como alternância descontínua (Bachelard), essa abordagem permite pensar a cidade e suas instituições não como unidades fechadas e lineares, mas como palimpsestos temporais, onde as práticas, as memórias e os afetos se acumulam, se entrelaçam e se renegociam constantemente.

A etnografia da duração nos orienta a observar, para além da cronologia oficial dos eventos, as marcas simbólicas inscritas nos corpos, nos objetos, nos rituais e nos silêncios que permeiam o clube. A memória coletiva, segundo Gilbert Durand (2002), opera como uma usina permanente de reinterpretação e atualização das narrativas, e é nesse processo vivo que o Aimoré se torna mais do que um clube: ele é um operador temporal que articula identidades, pertencimentos e expectativas.

No campo da Educação Física, a etnografia da duração tem se mostrado especialmente produtiva para apreender o ritmo das práticas esportivas como expressão de modos de ser e de estar no mundo, revelando a persistência de gestos, valores e rituais que ressignificam o presente (Rocha; Eckert, 2011). No contexto do Aimoré, os campeonatos, as confraternizações, as práticas da escolinha de base e até os relatos de antigos torcedores constituem campo de emergência da duração.

O Universo Social e Temporal do Aimoré Esporte Clube em Caçapava do Sul

Temporalidades de uma Cidade no Portal do Pampa. A pesquisa se inscreve em Caçapava do Sul, município situado na metade sul do Rio Grande do Sul, a cerca de 260 km da capital Porto Alegre. Com seus 3.047 km² e uma população estimada em 32.515 habitantes (IBGE, 2022), a cidade constitui uma paisagem social e geográfica de ritmos próprios, onde as práticas cotidianas ainda são profundamente atravessadas pelas formas

tradicionais de vida, mesmo diante das pressões contemporâneas de modernização.

Caçapava do Sul é reconhecida nacionalmente pela sua geodiversidade, composta por formações rochosas que atraem geólogos e pesquisadores (Madeira, 2022), mas essa dimensão mineral convive com outras camadas simbólicas mais discretas: os campos de futebol desbotados, as arquibancadas silenciosas e os clubes em processo de lenta transformação social.

O clima temperado e úmido, a altitude média de 450 metros (Bonho, 2020) e a predominância da economia primária - agricultura, pecuária e mineração, com destaque para a produção de calcário - compõem o ritmo cotidiano que preserva práticas de sociabilidade relativamente ritmadas, menos aceleradas que os centros urbanos mais densos do Estado. A cidade também mantém tradições produtivas caseiras, como o artesanato em lã e a extração de mel, elementos que revelam uma persistência de modos de vida locais mesmo sob o avanço de dinâmicas econômicas globais.

Memória, Conflito e Persistência em Caçapava do Sul

A trajetória histórica do futebol em Caçapava do Sul, uma cidade cujo território foi forjado em meio a conflitos, guerras e processos de territorialização violenta, especialmente na Revolução Farroupilha, é marcada pela sedimentação de práticas esportivas que não apenas traduzem a vida social, tecem o viver diário em suas camadas mais profundas.

O surgimento do Caçapava Futebol Clube, em 12 de outubro de 1919, ocorre no início do século XX uma prática esportiva que emerge de um território ainda imerso em memórias de guerra. Mais do que um mero passatempo, o futebol desde então atuou como ritual de pacificação simbólica, como técnica de sociabilidade e de produção de

identidades locais em tempos de pós-conflito. Quando o clube conquista seu primeiro campeonato em 1945, a vitória não é apenas esportiva: ela reafirma a capacidade da cidade de narrar a si mesma para além de suas marcas bélicas (Teixeira, 2016).

O surgimento de novos clubes na década de 1940 reflete uma expansão do futebol como vetor de integração e diferenciação social. Em 8 de setembro de 1924, a fundação do Militar Sport Club de Caçapava revela uma apropriação institucionalizada do futebol por segmentos ligados às forças armadas, mantendo viva a ambivalência entre esporte, disciplina e ritualização da força. É a partir dessa linhagem que, em 29 de setembro de 1941, nasce o Aimoré Esporte Clube. Não como ruptura, mas como continuidade de práticas que conectam a arena esportiva aos dispositivos de poder e pertencimento local.

A movimentação do Aimoré a partir de 1951, com seus primeiros jogos sediados onde hoje está a Praça Oswaldo Aranha, e posteriormente sua conquista do primeiro título no campo que seria denominado Estádio Aristides Macedo, testemunha não apenas um crescimento esportivo, mas a construção de uma espacialidade afetiva que ancorou gerações de caçapavanos (Teixeira, 2016).

A longa liderança de Mamede Ismail (1968–1992), reconhecido como Desportista Emérito pela Federação Gaúcha de Futebol, ilustra uma temporalidade de concentração simbólica de poder e afeto no clube. Durante seu mandato, o Aimoré alcança um ápice de glórias: a conquista do Campeonato Intermunicipal de 1970, o tricampeonato Estadual de Amadores da Zona Centro-Sul (1974–1976), e uma hegemonia no Campeonato Municipal entre 1967 e 1978, com breves interrupções. Esses feitos não podem ser lidos apenas como estatísticas esportivas: eles compõem verdadeiras narrativas heroicas locais, tecidos de memória que são atualizados

continuamente em festas, discursos e homenagens.

A inovação institucional do Aimoré, ao criar em 1965 a Ala Feminina, rompe parcialmente com as convenções de gênero vigentes na época e sinaliza que o clube, além de repositório de tradições, era também espaço de negociações sociais sutis. Em tempos recentes, a continuidade da participação feminina no futsal reafirma essa rearticulação permanente dos papéis de gênero no campo esportivo, demonstrando que as práticas esportivas em Caçapava do Sul operam como campos dinâmicos de luta e ressignificação.

A internacionalização do Aimoré em 1966, com a vitória amistosa sobre o Wanderers de Melo do Uruguai por 5x0, pode ser lida como rito de consagração externa: um momento de projeção simbólica que marca o desejo de Caçapava de se instituir em circuitos transnacionais de prestígio esportivo, ainda que de modo modesto.

A fundação do Minerador Atlético Clube em 1970, financiado pela Companhia Brasileira do Cobre e liderado por Francisco Matarazzo "Baby" Pignatari, revela o entrelaçamento crescente entre capital empresarial e práticas esportivas locais (Cabreira, 2008; Nogueira, 2012). O fato de a participação na equipe ser restrita a funcionários e familiares ilustra a transformação do futebol em dispositivo de gestão da mão de obra e reprodução de laços corporativos, que ao mesmo tempo fortalece o associativismo e restringe a espontaneidade popular. A extinção do Minerador, em 1996, e o consequente êxodo dos trabalhadores, não representaram apenas o encerramento de uma equipe esportiva, mas o término de um ciclo histórico no qual o futebol operava como uma matriz fundamental de sociabilidade no universo laboral. Tal acontecimento não instaurou um vazio na vida social do Aimoré, mas desencadeou um processo de reconfiguração em seu modo de existir. À luz de uma perspectiva ingoldiana, pode-se

compreender que, se outrora o clube se fazia presente nas linhas traçadas pela bola sobre o gramado e nos ritmos regulares das competições, após esse momento sua presença se deslocou para outras texturas da vida social. Sua linha de vida não foi interrompida, mas retecida nos domínios da memória, dos afetos e das narrativas partilhadas.

O Aimoré passou a habitar o “meu tempo” evocado nas conversas cotidianas, nos troféus domésticos cuidadosamente preservados, nas histórias heroicas transmitidas intergeracionalmente e na própria paisagem afetiva da cidade, onde o estádio vazio permanecia como um monumento-sentinela, testemunha silenciosa de uma sociabilidade em latência. Esse intervalo constituiu uma fase de gestação subterrânea, na qual o clube, longe de desaparecer, consolidou suas raízes simbólicas no imaginário coletivo. Tal materialidade de lembranças e pertencimentos, continuamente tramada na experiência comunitária, formou o húmus a partir do qual emergiria, em 2021, a Escolinha do Aimoré — não como um reinício, mas como o desdobramento de uma linha de força que jamais cessou de fluir.

No contexto contemporâneo, o Aimoré se reinventa com a criação da Escolinha do Aimoré, em 2021, voltada a jovens entre 7 e 17 anos. Mais do que um projeto de formação esportiva, essa iniciativa constitui um gesto consciente de atualização da memória coletiva e de continuidade de valores locais, reinscrevendo o clube como operador de futuro sem abdicar do ethos que fundamentou sua origem.

As memórias acionadas em torno do Aimoré, assim sendo, não são meras recordações episódicas, mas modos sensíveis de vivência do lazer, nas quais o passado é reencenado como presente. O lazer aqui se atualiza como narrativa, como reencontro e como corpo atravessado por saudade. Em cada fala dos interlocutores, o “meu tempo”

não aponta uma nostalgia esvaziada, mas um tempo qualificado. Um tempo de lazer que resiste à lógica do esquecimento, como propõe Bachelard (1988) ao tratar do tempo como qualidade e não apenas sequência. A celebração do centenário do Aimoré, em setembro de 2024, com eventos na Casa de Cultura Juarez Teixeira, desfiles cívicos e encontros de antigos e novos membros no Hotel Charrua, evidencia a força da memória coletiva e a centralidade ritual do clube na vida da cidade. Cada homenagem, cada brinde, cada história contada nesses eventos atua como ato performativo de atualização da identidade caçapavana.

O sentido apareceu de modo marcante em minha conversa com Aristides, ao recordar que é Se Dário quem organiza os encontros dos antigos jogadores e que, nos 100 anos, compareceram ex-atletas vindos de diferentes cidades - inclusive Palhinha, que faleceu pouco depois, aos 95 anos, em Lavras. “Ano passado, nos 100 anos, veio gente de tudo que é lugar... até o seu Palhinha que faleceu há pouco com 95 anos lá em Lavras.” (Diário de campo, 16/8/2024) Como propõe Halbwachs (2006), a memória coletiva se produz justamente nesses reencontros, nos quais lembranças individuais se entrelaçam em performance compartilhada. O centenário, assim, foi atualização de vínculos e pertencimentos, aquilo que Durand (2002) chama de usina permanente de reinterpretação simbólica.

Se, até aqui, recuperamos os marcos históricos do Aimoré como parte de uma memória coletiva estruturante, é no contato direto com os sujeitos que essa memória revela suas durações encarnadas, suas tensões, esquecimentos e atualizações. Escutar os torcedores, os ex-jogadores, os jovens da escolinha e os silêncios dos espaços do clube é captar o que persiste e também o que reluta em não se perder.

Em meio às falas colhidas durante a pesquisa, algumas memórias ganham

contornos quase míticos, como a evocação feita por Ivanilda, moradora antiga da cidade, sobre um dos torcedores mais lendários do Aimoré:

O vô do amigo da Mima ia pro estádio bebaço. Levava um revólver e, quando o Aimoré fazia gol, dava tiro pra cima! Gritava 'Amoié! Amoié!' - ele nem conseguia falar Aimoré direito. Naquele tempo era comum beber no estádio e dar tiro. Ninguém se importava. Veja quanta imprudência, né? (Diário de campo, 04/5).

Entre o riso e a crítica, Ivanilda narrava não apenas a conduta de um indivíduo, mas o modo como o clube era vivido com intensidade visceral. Uma expressão encarnada de afeto, pertencimento e permissividade coletiva. O ato de disparar tiros para o alto em dia de gol, hoje impensável, era naquele tempo parte do espetáculo, da catarse coletiva, da liberdade bruta que o futebol de várzea proporcionava.

Como observa Bachelard (1988), há instantes que condensam durações, tempos intensos que não se apagam da memória porque carregam densidade simbólica. O grito torto de “Amoié” funciona como um signo da oralidade local, um índice da maneira como o clube era incorporado ao corpo, à voz e ao ritual popular. Não é apenas um erro fonético. É uma marca da forma como o clube circulava entre os que não o escreviam, mas o viviam.

Nesse registro, o Aimoré transcende sua função esportiva para se tornar um símbolo encarnado de uma época, onde o futebol não era evento protocolar, mas campo de expressão afetiva, excesso e desvio. Escutar essas memórias é captar as zonas de intensidade que estruturam o tempo do lazer como gesto vivido, partilhado, e agora, narrado. Como lembra Ivanilda, ao criticar a transformação do futebol em produto.

Naquele tempo, o futebol era lazer. A gente ia ao campo para se encontrar, para se alegrar, e os jogadores jogavam por amor à camisa. Hoje em dia, é só dinheiro. O cara beija o escudo, mas logo muda de time quando aparece proposta melhor. Antes tinha futebol de torcedor, de comunidade; hoje é só aposta, só negócio, parece até máfia (Diário de campo, 04/5/2024).

O depoimento suscitado evidencia, de tal sorte, a percepção de uma mudança

temporal na experiência futebolística de um lazer comunitário, enraizado na afetividade e na pertença, para uma lógica de mercantilização do esporte, em que prevalecem interesses econômicos sobre a vivência do torcer. A etnografia da duração, nesse sentido, permite observar como o passado e o presente se articulam nas memórias dos interlocutores, revelando contrastes entre o futebol como prática de lazer e o futebol como negócio.

Em uma de minhas idas ao jornal local, fui recebido por Aristides, o jornalista mais antigo da redação. Conversamos brevemente sobre o Aimoré, e ao final ele me convidou para ir ao Café do Luizinho, num sábado de manhã: “Vai lá. Torcedor antigo, ex-jogador, tudo aparece. Vai te ajudar muito.” Nesse mesmo encontro, mencionou Armindo, a quem descreveu como uma verdadeira “enciclopédia viva” do clube: “Apesar de ser torcedor do Caçapava e colorado doente, esse sabe tudo, fala com ele. Vai te falar tudo sobre o Aimoré.” Em outra ocasião, voltou a reforçar esse ponto, mas ampliando o leque dos guardiões de memória: “Tem que falar com a Lucinha, ela tem até as fichas dos atletas... outro que tem que falar é com o Armindo, ele tem tudo sobre o Aimoré.” A repetição de nomes e a insistência em indicar essas figuras revelam como certos sujeitos são reconhecidos socialmente como depositários da história do clube, aquilo que Eckert (2012) denomina “arquivos vivos”. Não apenas documentos guardados em caixas, mas memórias preservadas em pessoas que se tornam instituições em si mesmas.

Antes que eu fosse embora, ele abriu alguns exemplares antigos do jornal. Ia me mostrando matérias e comentando algumas fotografias com entusiasmo, mas, ao mesmo tempo, fazia questão de repetir que era o Armindo quem realmente poderia me ajudar. Não que ele próprio não soubesse; pelo contrário. Mas parecia haver ali uma

espécie de cerimônia como se desejasse que minha pesquisa fosse irretocável, conduzida pelas mãos de quem conhece como ninguém.

Dias depois, recebi uma mensagem sua com uma série de recortes digitalizados, matérias antigas sobre o Aimoré. Era como se os arquivos do jornal também quisessem falar. Memória coletiva em forma de manchete, subtítulo e fotografia, esperando para ser relida à luz do presente.

Pouco tempo depois, Aristides voltou a me procurar. Queria saber se os arquivos estavam me ajudando na pesquisa. Havia algo de generoso e vigilante em seu gesto. Como se acompanhar a investigação também fosse, para ele, um modo de manter viva a história que tantos ajudaram a escrever.

Entre as vozes ouvidas durante o trabalho de campo, a fala de Seu Dário, ex-atacante do Aimoré nos anos 1970, condensa o sentimento de pertencimento profundo que o clube ainda desperta. “No meu tempo, era diferente... O Aimoré era tudo pra gente”, contou ele enquanto segurava uma fotografia desbotada do time campeão municipal - um retrato quase sépia de glórias que ainda vibram na memória e perduram no álbum com centenas de fotografias.

Diziam na cidade que Dário só não seguiu carreira profissional em grandes clubes de Porto Alegre por razões alheias ao seu talento. “O Dário era um baita jogador. Era muito bom mesmo. Só não foi para o Inter porque naquele tempo ser jogador de futebol não era como hoje. A família não aprovava”, contou-me Ivanilda. A fala não apenas evoca um passado glorioso, mas revela as tensões entre desejo e interdito, reconhecimento e renúncia. No caso de Dário, o talento se viu atravessado por barreiras familiares e sociais que, naquele tempo, tornavam o futebol menos profissão do que risco. Uma experiência singular que ressoa nas trajetórias interrompidas de tantos

jogadores, cujas habilidades não encontraram espaço para se converter em carreira.

Na imagem que Dário segurava, cuidadosamente plastificada, havia mais do que jogadores. Havia gestos congelados de uma era, um tempo em que o futebol local era motor de identidade e orgulho coletivo. O toque delicado com que Dário maneja a foto revela uma forma de luto leve, um saudosismo ativo que, como propõe Halbwachs (2006), estrutura a memória coletiva como lugar de recomposição simbólica do pertencimento.

Dário, nesse sentido, não apenas narra o clube. Ele o encarna como corpo que correu pelo Macedão, como voz que ainda pronuncia os nomes dos colegas de time, como memória que resiste a ser apagada. O Aimoré, para ele, permanece como espacial-tempo de afirmação, mesmo quando a carreira que poderia ter sido nunca se concretizou.

Em um breve encontro no restaurante do clube, troquei poucas palavras com Lucinha, viúva do eterno presidente Mamede Ismail. Com um sorriso tranquilo, ela comentou: “Adorei o encontro dos 100 anos do Aimoré na Casa de Cultura. Foi bom demais... Pude relembrar os áureos tempos do Aymoré com ípsilon. O pessoal já estava até pensando no encontro do ano que vem...”

A fala de Lucinha, ainda que breve, carrega uma densidade simbólica fundamental. Ela evidencia o papel do ritual de reencontro como atualização da memória coletiva, e o clube como espaço simbólico que não se encerra no passado. Ele projeta futuro. Ao mencionar “Aimoré” com a grafia antiga, “Aymoré”, ela evoca um tempo mitificado em que o clube é mais do que um time. É elo entre gerações, entre o vivido e o reencenado.

Como sugere Ricoeur (1991), a memória não apenas reconstrói: ela orienta a

ação futura. O simples fato de já se pensar no próximo encontro indica que o Aimoré permanece vivo enquanto houver quem deseje lembrá-lo coletivamente em mesas de restaurante, em fotos desbotadas, em nomes ditos com carinho.

Dias depois, reencontro Lucinha por acaso no mesmo restaurante do centro da cidade. Ao me ver, me chama: “Ô! Tô indo viajar, mas assim que eu voltar, me procura, tá? Quero te contar mais coisa do Aimoré, tô com isso na cabeça. Passa lá na loja para a gente conversar”. Sua disposição em seguir conversando reforça o que já se anunciava naquele encontro anterior. O Aimoré permanece aceso na memória, vivo na fala, desejando reaparecer.

A ausência e as Permanências

Cheguei a Caçapava do Sul no final de 2020, em meio às restrições sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19. À primeira vista, o cenário esportivo parecia suspenso: nem campeonatos amadores, nem peladas organizadas; apenas o silêncio que parecia ecoar entre as poucas traves ainda de pé. Diferente do que observara em outras cidades do interior do Rio Grande do Sul, onde sempre identifiquei a presença ativa de clubes vinculados à Federação Gaúcha de Futebol (FGF) ou de circuitos amadores fervilhantes, Caçapava parecia, naquele momento, viver uma interrupção sem data para término.

O Macedão, o único estádio da cidade, ainda estava lá, mas inerte, com o gramado castigado e arquibancadas vazias. Ao redor, apenas dois outros campos, também em processo de abandono: um na Vila Promorar e outro no Areião, onde as peladas eram cada vez mais raras. A cidade que um dia parara para ver o Aimoré jogar agora parecia ter se recolhido para dentro de suas memórias.

A cidade me provocava estranhamento não por esconder algo, mas por se apresentar como um campo ainda em constituição. Como poderia uma cidade, em tese sem futebol ativo, continuar a pulsar com sentidos que haviam sido organizados por ele? Não era uma questão de encontrar vestígios, e sim de acompanhar linhas que ainda vibravam - nos relatos, nos gestos, nas hesitações. O futebol não estava ausente; ele durava se desenhando no ritmo das conversas, nos percursos dos ex-jogadores, nos fragmentos que emergiam na escuta.

Em 2023, iniciei um trabalho mais atento de acompanhamento dos traços que ainda vibravam na cidade. Não se tratava de buscar algo perdido, mas de seguir as linhas que se mantinham ativas - em registros orais, gestos cotidianos e nos espaços onde a sociabilidade ainda reverberava. As narrativas emergiam como atualizações afetivas, quase sempre entrelaçadas pela evocação do "meu tempo" - expressão que não era simples nostalgia. Era dispositivo narrativo estruturante da memória local. Seu Lúcio, torcedor fervoroso do Aimoré, resumiu com clareza essa articulação entre tempo vivido e pertencimento: "Hoje ninguém mais olha jogo do Aimoré. No meu tempo, o estádio enchia. Dia de jogo era dia de parar a cidade." Sua fala não é mera evocação nostálgica, mas expressão de uma temporalidade em curso. O "meu tempo" não aponta para um passado encerrado. Irrompe no presente como força que ainda organiza afetos e vínculos. Em vez de cronologia, há espessura. Cada lembrança é um acontecimento qualitativo que persiste, se atualiza e se engendra às práticas do agora. É nessa espiral de tempo vivido que pertencimentos se refazem, como trajetórias que seguem vibrando, não como traços remanescentes, mas duração em ato.

As presenças manifestam que a cidade, mesmo em pausa – não como liminaridade, mas como perspectiva, segue ritmada pelo que persiste - mais do que pelo

que falta.

O Aimoré como Superfície de Memória

O Aimoré Esporte Clube, fundado em 1941, nunca foi apenas uma agremiação esportiva em Caçapava do Sul. Desde sua origem, vinculado às tradições do Militar Sport Clube (1924) e, antes ainda, ao Caçapava Futebol Clube (1919), o clube operou como vetor de ordenação das práticas coletivas. Os triunfos históricos - o Campeonato Intermunicipal de 1970, o tricampeonato Estadual de Amadores da Zona Centro-Sul (1974–1976) - marcam ritmos de celebração que ainda reverberam nas narrativas atuais.

A longeva gestão de Mamede Ismail (1968–1992) foi um desses pontos de inflexão. Para muitos, Mamede encarnava a própria duração do clube. Sua permanência na presidência durante décadas se entrelaça à memória de uma época em que o Aimoré estruturava a sociabilidade local.

Dona Ivanilda, embora torcedora do rival Caçapava Futebol Clube, dizia que ficou muito feliz quando criaram a Ala Feminina do Aimoré. Sua lembrança não surgiria como oposição ao presente, todavia, como continuidade sensível de um gesto que ainda pulsa na memória coletiva da cidade. O reconhecimento daquela inovação não se encerra no fato em si, mas se reinscreve nos modos de narrar, de se posicionar, de torcer. Ao recuperar esse episódio, Ivanilda não apenas evoca um passado; ela o reitera como experiência viva, como presença que ancora e orienta formas de pertencimento ainda hoje. Trata-se de uma memória que não se acumula, que se alonga, prolongando-se como linha de afeto e reconhecimento que ainda tensiona as margens do que significa ocupar um clube, um bairro, uma história.

Os objetos expostos instauravam uma atmosfera densa, na qual memórias se

insinuavam por gestos, olhares e respirações suspensas. Nada ali estava dado. Sentidos emergiam no modo como os corpos se demoravam, no ritmo dos comentários sussurrados, nas pausas entre uma lembrança e outra. A exposição não separava passado e presente - ela os entrelaçava em um mesmo tecido sensível, onde a presença era feita de continuidade, não de ausência.

Renê, observando uma foto antiga do time, murmurou: "O pai jogava muito, dizem que era melhor que muita gente. Até mesmo que o Caçapava... Mas sem incentivo, e a prioridade era estudar para ganhar dinheiro, ficou só aqui..." As falas não apenas resgatam um passado de glórias, mas produzem comparações que reorganizam hierarquias esportivas, valorizando talentos locais em contraposição àqueles que ascenderam aos grandes clubes. Como relatou Aristides em uma de nossas conversas:

Teve gente muito melhor que o Caçapava, que foi embora para o Colorado com 14, 15 anos... Eu talvez conseguisse jogar no Inter, mas aquela geração colorada era fantástica... O Valmorzinho jogava mais que o Caçapava. Ele jogou no Juventude e ainda hoje, com 71 anos, joga aqui na cidade (Diário de campo, 16/8/2024).

As comparações, desse modo, não se restringem a uma disputa sobre quem jogava mais, mas configuram narrativas de reconhecimento tardio, nas quais o futebol local se inscreve como espaço de talento não consagrado, mas simbolicamente e afetivamente valorizado.

"Lembro sim" - disse Renê, com a fotografia nas mãos, os olhos demorando-se sobre os rostos em colorido desmaiado.

Foi em 1977. O Grêmio veio a Caçapava do Sul colocar as faixas de pentacampeão no Aimoré, no Macedão. O presidente era Mamede Ismail, cônsul do Grêmio aqui. Quase todo ano eles vinham, era tradição. Mas em 77 foi especial. O Aimoré empatou com o Grêmio em 2 a 2.

Renê fez uma pausa longa, respirou fundo, e então começou a enumerar um a um, como quem acende uma memória sagrada: "Cacaoio, Batista Leal, Darci, Lauro Bandeira e Ozi. Agachados: Maú, Enio, Zé Antônio Pazinato, Jonas, Roberto Coradini e Nenê."

O gesto de recitar a escalação completa, quase cinco décadas depois, não era mero exercício de lembrança. Era atualização de um rito de pertencimento. Cada nome pronunciado reinscrevia Caçapava na história do futebol gaúcho, como se a voz de Renê costurasse, naquele instante, o Aimoré à malha dos grandes clubes. Mais que memória, era performance de identidade, um modo de afirmar que o Aimoré existiu - e continua a existir - na duração.

Fios de Continuidade: Projetos Atuais e Disputas sobre o Futuro

As memórias do Aimoré e do futebol caçapavano não se restringem apenas àqueles que permaneceram na cidade. Em uma das entrevistas realizadas, um ex-jogador profissional, que construiu sua carreira principalmente no futebol catarinense, especialmente no Avaí Futebol Clube, rememorou uma passagem de sua juventude em Caçapava do Sul. Formado nas categorias de base do Sport Club Internacional, o jogador - que aqui chamarei apenas de Paulinho, preservando seu anonimato - destacou um episódio, da década de 1980, que lhe permaneceu vívido:

Ainda na base do Inter, a gente viajou para Caçapava para jogar contra o Aimoré. Foi no Macedão. Campo pesado, gramado irregular, torcida em peso nas arquibancadas. A cidade se mobilizava. Eu era juvenil ainda, mas nunca esqueci daquele dia. Não era só mais um jogo. Para eles [caçapavanos] parecia ser Copa do Mundo. Jogar lá tinha valor. Nos esperaram na entrada da cidade com festa (Diário de campo, 03/11/2024).

A evocação do jogo juvenil no Macedão articula-se com o que Bachelard (1988) propõe sobre o tempo vivido. O instante esportivo não se dissolve na cronologia dos eventos. Sedimenta-se como experiência qualitativa, resistindo ao esquecimento. O Aimoré, nesse registro, ultrapassa sua condição de clube local para assumir a função simbólica de lugar de prova e de reconhecimento, em que a formação de identidades esportivas era marcada pelo peso afetivo da sociabilidade e da celebração coletiva.

O testemunho de Paulinho, primo de outro jogador que construiu carreira no futebol internacional e irmão de um ex-atleta do São José, de Porto Alegre, reforça o enraizamento do Aimoré nas redes mais amplas do futebol regional. Mesmo entre aqueles que percorreram trajetórias para além dos limites da cidade, Caçapava do Sul e o Aimoré permanecem como marcos referenciais, fixados em imagens-memórias que atravessam o tempo.

Em outra conversa, foi Emerson quem trouxe à tona uma lembrança diferente, atravessada por certo desconforto, mas igualmente marcante. Rindo de canto, como quem reconhece a dureza da memória, ele comentou.

Era comum o juvenil do Inter vir jogar aqui. Teve um jogo no Macedão. O Caçapava ainda jogava na base do Colorado. O Inter goleou o Aimoré de um jeito que ninguém esquece. 17 a 0. Imagina isso? Dezesete! Pra nós, moleques, foi um choque. A torcida não arredou o pé, mesmo com aquela chuva de gols. Ficaram ali, gritando, brigando com o juiz, com o bandeira, com o time... parecia que valia alguma coisa além do placar.

A fala de Emerson desestabiliza a narrativa heroica de Paulinho, mas, ao mesmo tempo, a confirma sob outro prisma. Mesmo nas derrotas esmagadoras, a presença no Macedão se mantinha carregada de sentido. O resultado, ainda que humilhante, não apagava o valor da experiência - ao contrário, reforçava a densidade simbólica de enfrentar um grande clube, inscrevendo-se como memória de pertencimento no próprio excesso do placar.

Enquanto isso, no presente, o clube busca reavivar suas práticas formativas através da Escolinha do Aimoré. A iniciativa congrega mais de cem jovens, entre sete e dezessete anos, inserindo-se não apenas como projeto esportivo, mas como esforço ativo de manutenção e renovação das memórias locais. Em conversas com treinadores e ex-jogadores que hoje coordenam os treinos, emergem relatos que reatualizam antigas tradições: o cuidado com a camisa, o respeito pelos adversários, a mística dos dias de

jogo. As práticas de formação tornam-se, assim, dispositivos de duração, onde a memória do passado se entrelaça com a formação de novas gerações.

A Escolinha do Aimoré, nesse sentido, não é apenas um projeto esportivo. Ela funciona como um lugar de reinvenção do lazer na contemporaneidade, oferecendo à juventude caçapavana um campo onde se cruzam formação, fruição, pertencimento e sonho. O tempo ali vivido é múltiplo - o treino semanal, o reencontro com as histórias contadas pelos mais velhos, o cuidado com o uniforme. Tudo isso constrói uma duração afetiva, onde o lazer se dá na forma de convivência, disciplina leve e memória em ato.

Considerações Finais

A investigação sobre o Aimoré Esporte Clube permite compreender a persistência de formas de sociabilidade que atravessam o tempo e se desdobram para além do jogo formal. A análise etnográfica mostrou que o clube continua a existir como um campo de relações, afetos e memórias que reconfiguram continuamente o vínculo entre futebol e vida social em Caçapava do Sul.

Em “Memória, conflito e persistência”, observou-se que a fundação simbólica do Aimoré emerge de disputas locais e de uma historicidade marcada por tensões entre trabalho, identidade e pertencimento. Esses elementos constituem o solo de continuidade sobre o qual o clube se projeta, mesmo em contextos de dissolução institucional. O Aimoré se apresenta, nesse sentido, como uma expressão das dinâmicas locais de resistência e de afirmação identitária que sustentam o tecido comunitário.

O eixo “A ausência e as permanências” revelou que o fim das competições não corresponde a uma interrupção da vida social do clube. A ausência física das partidas abre espaço para outras modalidades de presença, nas quais o Aimoré se inscreve nas

lembranças, nos relatos e nos objetos domésticos que preservam sua materialidade simbólica. O clube persiste enquanto forma sensível de continuidade, mantida por gestos cotidianos e pela circulação de memórias entre gerações.

Em “O Aimoré como superfície de memória”, a análise mostrou que o clube se atualiza por meio de uma rede de narrativas, imagens e práticas que o configuram como arquivo vivo. A memória, nesse contexto, não se apresenta como acúmulo estático, mas como fluxo que reordena o passado no presente. Essa superfície de lembranças permite que o Aimoré continue a operar como referência coletiva e como campo de reconhecimento mútuo entre os sujeitos da cidade.

O último eixo, “Fios de continuidade”, evidenciou que as iniciativas contemporâneas, especialmente a criação da Escolinha do Aimoré em 2021, funcionam como extensões das temporalidades anteriores. Essas práticas reinscrevem o clube no presente, articulando passado e futuro através de formas renovadas de engajamento juvenil e comunitário. A experiência do Aimoré torna-se, assim, uma via de experimentação de temporalidades do lazer, nas quais o pertencimento se refaz a partir da memória compartilhada.

Ao reunir essas dimensões, a etnografia da duração delineia o Aimoré como um operador de temporalidade social que prolonga a experiência do futebol para além de sua materialidade esportiva. O clube habita o intervalo entre o vivido e o lembrado, sustentando um regime de afeto e de presença que reatualiza continuamente o vínculo entre os sujeitos e o território. O lazer, nesse contexto, aparece como campo privilegiado de duração, uma forma de vida que persiste porque se entrelaça às práticas, narrativas e sensibilidades que compõem a cidade.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo da; ALVES, Alexandre Francisco. Futebol e lazer: levantamento e análise da produção sobre futebol no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 20–39, maio/ago. 2019. ISSN 2358-1239. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/16136>
- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BONHO, Fabiana Tramontin. **A Universidade Federal do Pampa e o seu papel no desenvolvimento regional**: estudo de caso do campus Caçapava do Sul/RS. 2020. 82 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2020. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/Fabiana%20Tramontin%20Bonho.pdf> Acesso em: 8 set. 2024.
- CABREIRA, Denis Pansardi. **O desenvolvimento insustentável no caso Minas do Camaquã, Caçapava do Sul/RS**. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18602> Acesso em: 8 set. 2024.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros. **História: Questões & Debates**. Curitiba v. 68, n. 37, p. 133-159 mês jul./dez. 2020. Universidade Federal do Paraná. ISSN: 2447-8261. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v00i0.000000>
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ECKERT, Cornelia. **Memória e trabalho**: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). Curitiba: Appris, 2012.
- FRAGA, Gerson Wasen. A bola, a nação e a memória. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 13, n. 2, p. 228-241, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552456388008>
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LPM, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Caçapava do Sul**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/cacapava-do-sul.html>. Acesso em: 11 jan. 2025.
- MADEIRA, Marlon Roxo. **Identificação das unidades de paisagem do município de**

Caçapava do Sul - RS: subsídios à interpretação geopatrimonial em roteiros geoturísticos. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>

NOGUEIRA, Jader Escobar. **Mineiros e engenheiros:** memória, identidade e trabalho nas Minas do Camaquã entre 1970 e 1996. 2012. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/510/2019/01/Dissertacao-Jader-Nogueira-2012.pdf> Acesso em: 11 jan. 2025.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. **Política e trabalho: Revista de Ciências Sociais**. João Pessoa, PB. N. 34 (abr. 2011), p. 107-126, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/144043> Acesso em: 18 ago. 2023.

ROCHA, Ana Luiza de Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração:** antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

TEIXEIRA, Juarez da Rosa. **Caçapava:** um olhar sobre o século XX. Porto Alegre: CRBF, 2016.

Endereço do Autor:

Walter Reyes Boehl
Endereço eletrônico: walterboehl11@gmail.com